

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

VIVIAN POERSCH TELLES FERREIRA

***LOCUS DE CONTROLE EM ATLETAS UNIVERSITÁRIOS PRATICANTES DE
ESPORTES COLETIVOS DE QUADRA***

PORTO ALEGRE

2013

VIVIAN POERSCH TELLES FERREIRA

**LOCUS DE CONTROLE EM ATLETAS UNIVERSITÁRIOS PRATICANTES DE
ESPORTES COLETIVOS DE QUADRA**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Dra. Martha Maria Ratenieks Roessler

PORTO ALEGRE

2013

Vivian Poersch Telles Ferreira

**LOCUS DE CONTROLE EM ATLETAS UNIVERSITÁRIOS PRATICANTES DE
ESPORTES COLETIVOS DE QUADRA**

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. – UFRGS

Orientadora – Prof. Dra. Martha Maria Ratenieks Roessler – UFRGS

**Agradeço a minha mãe, por estar sempre presente e
por ter me dado todo o auxílio necessário
para chegar até aqui.
Dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim,
em especial ao Leonardo, meu parceiro,
que me apoiou em tudo que pode nessa reta final.
A vocês, muito obrigada.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, pelos valores aprendidos, o carinho e dedicação dispendidos.

As pessoas muito especiais, Leonardo, Rodrigo, Tuany, Alice, Cassiana, Samuel e Anderson pelo incentivo e contribuição para a concretização de um ideal, suas palavras não deixaram que eu desanimasse.

Aos que me auxiliaram antes mesmo dos primeiros dias de graduação, Dione, Guilherme, Pedro e Francisco por todas as dicas que deram para que o caminho fosse o mais tranquilo possível.

A minha orientadora Prof. Dra. Martha Maria Ratenieks Roessler por acreditar no meu empenho, pelo carinho, pela paciência e pela confiança.

Aos meus colegas Giordano, Suelen, Evelyn e Paulo por ajudarem a mobilizar os atletas para as coletas e agradeço aos atletas, sem os quais não seria possível este trabalho. Obrigada.

RESUMO

O presente estudo aplicou a Escala Multidimensional de *Locus* de Controle, desenvolvida por Levenson em 1973 e adaptada para o Brasil por Dela Coleta (1986). Participaram da pesquisa 80 atletas universitários praticantes de uma das cinco modalidades de esportes coletivos de quadra oferecidas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O *locus* de controle é o modo como o indivíduo percebe o que ocorre a sua volta, pode-se considerar que os acontecimentos são consequências de suas próprias atitudes (internalizado) ou não (externalizado). Foi possível perceber a prevalência dos atletas em apresentar *locus* de controle interno e por haver casos de externalidade e de escores de *locus* de controle externo próximos aos escores de internalidade, discute-se a importância da ferramenta para auxiliar no aprendizado e nos treinamentos esportivos.

Palavras-chaves: esportes coletivos, aprendizagem, *locus* de controle.

ABSTRACT

This study applied the Multidimensional Scale of Locus of Control, developed by Levenson in 1973 and adapted to Brazil by Dela Coleta (1986). 80 college athletes practicing one of five different team sports court offered the Federal University of Rio Grande do Sul participated of the survey. The control is the way the subject perceives what is happening around. It can be considered that the events are consequences of their own actions (internalized) or not (outsourced). It was possible to notice the prevalence of athletes to present internal locus control and because there are cases of externality and scores of external locus control close to the internality scores, discusses the importance of the tool to assist learning and sports training.

Key-words: team sports, learning, locus of control.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo geral	13
2.2 Objetivos específicos	13
3 REVISÃO DE LITERATURA	14
3.1 História dos Esportes Universitários.....	14
3.2 Esportes Coletivos de Quadra.....	15
3.3 <i>Locus</i> de Controle e a Aprendizagem e Treinamento	17
3.4 As Escalas de <i>Locus</i> de Controle.....	21
3.5 A Escala Multidimensional de <i>Locus</i> de Controle de Levenson (IPC) e a sua aplicação	22
4 MATERIAIS E MÉTODOS	25
4.1 Tipo de Estudo	25
4.2 Participantes do Estudo.....	25
4.3 Instrumentos de Coleta de Dados	25
4.4 Procedimentos de Coleta de Dados.....	26
4.5 Procedimentos de Análise de Dados	26
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
5.1 Perfil da amostra	28
5.2 <i>Locus</i> de controle em atletas universitários praticantes de esportes coletivos de quadra	34
5.3 <i>Locus</i> de controle e a aprendizagem e o treinamento.....	40
6 CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	42
ANEXO A	45
ANEXO B	46
ANEXO C	47
ANEXO D	48

Lista de figuras

Figura 1 - Sub dimensões do <i>Locus</i> de Controle (adaptada de Rodrigues, 2007).	24
Figura 2 – Ano de nascimento dos atletas universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	27
Figura 3 – Atletas universitários nos cursos de graduação da Universidade Federal do RS.	28
Figura 4 – Orientação das atividades esportivas universitárias.	29
Figura 5 – Competições que os atletas gostam de participar.	30
Figura 6 – Motivos para a participação em competições	31
Figura 7 – Definição das atividades esportivas semanais.	32
Figura 8 – <i>Locus</i> de controle em atletas universitários.	33
Figura 9 – <i>Locus</i> de controle no Hóquei Indoor.	34
Figura 10 – <i>Locus</i> de controle no Handebol.	34
Figura 11 – <i>Locus</i> de controle no Voleibol.	35
Figura 12 – <i>Locus</i> de controle no Basquetebol.	35
Figura 13 – <i>Locus</i> de Controle no Futsal.	36
Figura 14 – <i>Locus</i> de controle e atletas do gênero masculino.	37
Figura 15 – <i>Locus</i> de controle em atletas do gênero feminino.	37

Lista de tabelas

Tabela 1 – Sub dimensões e itens correspondentes (adaptada de Levenson, 1981) 23

Tabela 2 – Medidas das respostas da Escala Multidimensional de Levenson (adaptada de Levenson, 1981). 23

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física é uma área profissional que envolve diversos campos de atuação nos quais encontram-se estudos nas áreas da biomecânica, fisiologia e tantas outras ligadas ao treinamento das diversas modalidades esportivas. Porém, pode-se observar que há poucos estudos que se referem ao perfil psicológico dos praticantes de esportes e, em especial, relacionados aos atletas universitários. O presente estudo parte da crença na relevância em desenvolver estudos de grupos que fogem do perfil comum e pouco lembrados pelos estudiosos e pesquisadores da área. Para Simões, Conceição e Cortez (2009) o esporte exige pesquisa, trabalho e competência, é necessário aprofundar o conhecimento das dinâmicas psicossociais, e, além disso, não se pode pretender intervir nas esferas dos esportes individuais e coletivos, sem antes preparar-se teórica e praticamente. Assim, esta pesquisa trata de estudar, através de uma abordagem microssocial, um grupo pouco conhecido e pesquisado pelos profissionais de Educação Física: os atletas que representam a universidade em competições esportivas.

Foram escolhidas cinco modalidades de esportes coletivos de quadra, praticadas nas dependências da Escola de Educação Física (EsEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), são elas: hóquei *indoor*, handebol, basquetebol, futsal e voleibol. O grupo de atletas universitários se mostrou engajado, assíduo e numeroso. Cada modalidade apresenta suas características e peculiaridades. O voleibol tem como característica principal a divisão da quadra por uma rede e os jogadores devem utilizar as mãos para tocar a bola, mas não é permitido segurá-la ou carregá-la. O hóquei *indoor* se apresenta como nova modalidade de treinamento na Escola de Educação Física da UFRGS e pode ser jogado em quadras parecidas com as que se pratica futsal e handebol, porém, a principal característica da modalidade é a limitação de não se bater na bola. O jogador de hóquei *indoor* deve apenas puxar, desviar ou empurrar a bola. Já o handebol é um jogo de invasão que exige dos jogadores muita habilidade e agilidade para ultrapassar o adversário e alcançar a meta desejada. A característica mais interessante é a não limitação das substituições de jogadores durante as partidas. O basquetebol fascina por se tratar de uma modalidade que envolve invasão, oposição e cooperação e são muito claras as alternâncias das situações de ataque e defesa, mostrando-se uma modalidade bastante dinâmica, assim como o handebol e o futsal. O futsal se difere

das outras modalidades coletivas de quadra por se tratar de um esporte jogado com os pés, deve-se conduzir a bola com os pés/pernas. Esta modalidade é adaptada do futebol e também muito popular no Brasil e assim como o handebol, se trata de um jogo rápido e com substituições ilimitadas.

Para Simões, Conceição e Cortez (2009) o esporte não se reduz estritamente aos seus componentes físicos, técnicos e táticos, mas, sem coloca-los à parte, compreende valores socioculturais, símbolos e crenças que levam a dizer que o comportamento e o desempenho de técnicos e atletas contribuem para o esporte espetáculo. Por isso, é importante aliarmos esporte e psicologia, pois são dois campos relevantes. Além disso, a busca por explicações para um bom ou mau desempenho em treinos e competições se expandiu bastante pela necessidade de entender como e por que isso acontece, fez com que estudos fossem produzidos com o intuito de pesquisar a causalidade de acontecimentos e comportamentos no mundo do esporte competitivo. Assim, a ferramenta escolhida para este estudo foi a Escala Multidimensional de *Locus* de Controle, ferramenta muito utilizada no campo da psicologia de forma geral e pouco aplicada pela psicologia esportiva. Estudos realizados por Abbad e Meneses (2004), indicam que a compreensão do *Locus* de Controle sobre as fontes de controle das atividades humanas permite um manejo adequado das contingências ambientais para que os efeitos de treinamentos sobre o desempenho individual e organizacional sejam potencializados.

No processo de amadurecimento da ideia do estudo, foram encontradas diversas perguntas ainda não respondidas sobre os perfis de atletas que representam as universidades. Foi definida a ideia e o problema do estudo tornou-se: Qual o *Locus* de Controle é predominante no grupo de atletas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul? Tendo como objetivo identificar qual dos *Locus* de Controle é dominante dentro do grupo da pesquisa e apontar os possíveis indícios para os resultados, o estudo também comparará se há diferença considerável entre os gêneros.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

O presente estudo teve como objetivo geral identificar a orientação do *locus* de controle dos atletas universitários de modalidades coletivas de quadra e verificar se há diferença entre os gêneros com relação aos resultados obtidos com a Escala Multidimensional de *Locus* de Controle.

2.2 Objetivos específicos

Como objetivos específicos:

- I. Apresentar o perfil dos atletas universitários que representam Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- II. Apresentar os resultados obtidos em cada uma das cinco modalidades coletivas de quadra.
- III. Problematizar a importância do *locus* de controle para a aprendizagem e para o treinamento.

3 REVISÃO DE LITERATURA

São enriquecedores e amplos os estudos que são construídos com as abordagens da Educação Física e da Psicologia do Esporte. Sabe-se da importância dos estudos interpretativos e dos conceitos e instrumentos que a Psicologia do Esporte utiliza e que podem ser usados como alternativa e complemento para alargar estudos da nossa área.

3.1 História dos Esportes Universitários

A entidade de maior importância para o esporte universitário é a Federação Internacional de Esporte Universitário, a FISU. Foi somente no ano de 1919, a criação de uma Confederação Internacional de Estudantes (CIE). Os jogos daquele ano ocorreram na Itália, em Turim, e firmaram a FISU no cenário mundial como entidade máxima. Os primeiros Jogos Universitários Mundiais ocorreram no ano de 1923 com a participação de 10 países e as disputas só ocorreram nas modalidades do Atletismo. Os jogos universitários vinham crescendo ao longo dos anos que se passaram, porém durante a Segunda Guerra Mundial, houve uma estagnação, pois o governo alemão promovia competição paralela. Ao término da Segunda Guerra Mundial, 43 países de uniram, criando a União Internacional de Estudantes (UIE), que 10 anos depois iria se juntar a FISU e a primeira Olimpíada da Federação Internacional contaria com 1.400 atletas. O objetivo principal da FISU é propagar valores do esporte e promover a prática esportiva em perfeita sinergia e complementariedade com o espírito universitário (*site FISU*, 2013).

No Brasil, o esporte universitário se manifestou de forma organizada no ano de 1916, com disputas apenas no Rio de Janeiro e em São Paulo. No ano de 1935 ocorreu a primeira competição envolvendo mais estados. Nos primeiros jogos, foram disputados o futebol, o remo, os saltos, a natação, o basquetebol, o tênis, o atletismo e o polo aquático. A Confederação dos Desportos Universitários, que mais tarde se tornou a Confederação Brasileira de Desportos Universitários (CBDU), só foi criada na década de 40, por meio do Decreto-Lei nº 3.617. A CBDU é a entidade máxima do desporto universitário. Organizados pela CBDU, os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) se tornaram a maior competição a nível nacional. Atualmente, a Confederação Brasileira é responsável pela gestão e organização das competições e eventos

esportivos entre universitários de todo país. A sede da CBDU está localizada em Brasília-DF. A filosofia da CBDU está baseada nas noções de amizade, fraternidade, perseverança, integridade, cooperação, esforço e esporte limpo. A intenção é estimular os jovens a conquistar, por meio dos valores morais, êxito na vida acadêmica e na carreira esportiva (*site* CBDU, 2013). A instituição tem como objetivo a estruturação das modalidades esportivas e de divulgar o esporte universitário, desta forma, a confederação organiza competições nacionais e participa de competições internacionais realizadas pela FISU. As principais competições organizadas a nível nacional são: A Liga do Desporto Universitário e os Jogos Universitários Brasileiros, que logo mudou de nome. Os Jubs passaram a se chamar então, em 2005, Olimpíadas Universitárias, consolidando a parceria entre a CBDU e o COB – Comitê Olímpico Brasileiro (STAREPRAVO e colaboradores, 2010). As Olimpíadas Universitárias são os maiores eventos produzidos pela CBDU, com aproximadamente três mil atletas estudantes participando todos os anos. Segundo Borges e Buonicore (2007), os Jogos Universitários não são invenção recente e apresentam em sua história uma trajetória extremamente rica e relevante. Para a participação do jovem nas competições basta estar matriculado em uma instituição educacional brasileira, em universidade privada ou pública.

No dia 09 de novembro de 1939 foi fundada, em Porto Alegre-RS, a Federação Estudantil Gaúcha de Esportes, que a partir de 1945, passou a chamar-se Federação Universitária Gaúcha de Esportes - FUGE (*site* FUGE, 2013). A FUGE representa e promove campeonatos para os atletas do estado do Rio Grande do Sul. A Federação Gaúcha nos dias atuais conta com 36 Instituições de Ensino Superior (IES) inscritas em seus eventos.

3.2 Esportes Coletivos de Quadra

O esporte como conhecemos, com uniformes, regras, organização e todo o resto que o envolve nos dias de hoje, tem sua origem muito próxima de nosso tempo. Porém, não devemos deixar de levar em conta que os homens primitivos já utilizavam de diversos fundamentos usados nos desportos. Os saltos, as longas caminhadas, os arremessos e o transporte de animais, os mantinham fortes, com resistência, colaborando com sua caça, sua sobrevivência, para seu desenvolvimento e evolução.

Além da força e resistência, os homens primitivos ainda adquiriam destreza. As necessidades básicas nos trouxeram as habilidades físicas.

Os gregos utilizaram essas habilidades físicas para o preparo dos soldados e em atividades religiosas. Ainda não havia união para a prática. Importância e glória eram as premiações dos jogos realizados na Grécia a cada quatro anos. Já os romanos, utilizavam das práticas corporais para preparar gladiadores para os espetáculos nas famosas arenas. Os gladiadores lutavam contra animais e contra outros escravos.

Para Barroso e colaboradores (2007), o esporte moderno, com sua atual organização estrutural, categorias e uniformização de regras está intimamente ligado à universidade e esportes coletivos como basquete, futebol, rúgbi e voleibol foram criados dentro de universidades e, como tantas outras modalidades, se disseminaram entre o público, ganhando inúmeros adeptos.

O esporte é considerado um movimento, uma ferramenta, de extrema importância e passa do âmbito da prática física. Atletas constituem-se em modelos sociais a serem seguidos, além disso, é percebida a importância de tal fenômeno ao observarmos o próprio desporto como objeto de ciência, com inúmeros ramos do saber interessados na sua análise (BARBANTI, 2002 *apud* CARVALHO, 2004). Os mesmos autores ainda afirmam que “os jogos coletivos integram o grupo dos designados desportos de cooperação/oposição, nos quais a ação do jogo é resultante das interações dos jogadores, realizadas de modo que uma equipe coopera entre si para opor-se a outra” (p. 12). Os esportes coletivos de quadra têm a necessidade, por serem praticados por equipes, de desenvolver fatores individuais e coletivos para que juntos contribuam para o desempenho desejado.

Esporte e desempenho envolvem aspectos multifacetados (Simões, Conceição e Cortez, 2009), além disso, o esporte é um fenômeno notável que deve ser cuidadosamente estudado, tudo deve ser levado em conta, como o medo, a ansiedade, o espetáculo e como os acontecimentos são percebidos pelos esportistas. Além disto, os fatores múltiplos, comportamentais e ideológicos, independem do contexto onde são praticados.

3.3 *Locus* de Controle e a Aprendizagem e Treinamento

O termo *locus* vem do latim e significa local. O termo é bastante conhecido e mais comumente utilizado nas áreas da matemática, genética e psicologia e é exatamente o campo da psicologia que mais investiga atualmente. O *locus* na Psicologia é conhecido como *locus* de controle (LC). Na área da Educação Física, este construto é pouco utilizado, mesmo sendo considerado bastante importante em vários estudos já realizados ligando-o ao treinamento e produzidos a partir do ano 2000. Acredita-se que este pouco destaque dado pelos pesquisadores da Educação Física ocorra pelo maior interesse nos campos da motivação relacionados à avaliação do treinamento. Porém, cada vez mais é necessário aliar a psicologia esportiva à Educação Física, pois atletas e treinadores estão sempre necessitando de superação, de conquistas. Segundo De Rose Júnior (2000 *apud* LEVY, 2008), o reconhecimento da importância da psicologia do esporte para o desempenho dos atletas e equipes é antigo, mas se restringia à teoria. No entanto, pesquisadores e profissionais da área vêm, desde a década de 1990, difundindo o seu valor em nosso país. Cabe lembrar que os estudos referentes à psicologia esportiva podem acontecer em níveis conceituais, metodológicos e na intervenção.

Segundo Dela Coleta (1987, TAMAYO, 1989 *apud* ABBAD e MENESES, 2004), *locus* de controle é um conceito dinâmico que explica e descreve as crenças, mais ou menos estáveis, a partir das quais o indivíduo estabelece a fonte de controle dos eventos e do seu próprio comportamento. Já para Garcia (1985, BARBOZA, 2001 *apud* LEVY, 2008), o termo *locus* de controle pretende explicar a percepção das pessoas com relação ao controle dos acontecimentos em que se encontram, podendo ela perceber os eventos de sua vida como consequência de suas próprias ações, chamado de controle interno, ou não relacionados com suas ações, chamado controle externo. Através do modelo da terapia cognitiva acredita-se que a forma de interpretar os acontecimentos pode influenciar na forma de se relacionar e no comportamento do indivíduo, sendo assim, é importante no que diz respeito a relacionamento com colegas de equipe e treinador, além do comportamento diante de vitórias e derrotas, por isso, esse constructo parece ser uma ótima escolha para avaliar a personalidade de nossos aprendizes ou atletas. No início o LC era considerado uma ferramenta generalizada, mas com o tempo foram produzidos estudos específicos para aspectos particulares do cotidiano do indivíduo, podendo assim, chegar mais perto dos objetivos

de professores e treinadores. Para Olandoski (2012), *locus* de controle é um constructo de personalidade. Se personalidade está associada à noção de pessoa, Martins (2004) citado no estudo de Olandoski (2012) coloca personalidade como a causa subjacente do comportamento e da experiência individual que existem dentro de cada pessoa. Assim, fica ainda mais evidente a importância de se investigar o LC de atletas e alunos. Além disto, não pode ser esquecido que há uma tendência presente em cada indivíduo para tentar explicar os eventos vivenciados, atribuindo a estas causas internas ou externas. Tal tendência é resultado de um processo de aprendizagem social, visto que a percepção de controle depende das contingências entre a própria ação e as respostas que o meio proporciona (DELA COLETA, 1981, BARBOZA, 2001 *apud* LEVY, 2008). Já para Rotter (1966, *apud* RODRIGUES, 2007) *locus* de controle é expectativa generalizada de alguém em sua capacidade de controlar os acontecimentos que seguem as suas ações. O *locus* de controle afetaria a expectativa de resultados positivos ou negativos, por que a orientação (interno ou externo) interferiria no desempenho dos indivíduos. Ainda segundo Rotter (1966, 1975 *apud* OLANDOSKI, 2012), o *locus* de controle foi proposto para explicar as diferenças individuais quanto à percepção da contingência entre a ação dos indivíduos e os resultados subsequentes. O que se torna muito importante para que se realize um melhor trabalho com nossas equipes, turmas e atletas, pois o LC é imprescindível para complementarmos nosso trabalho constante de aprofundarmos os conhecimentos nos indivíduos para os quais se volta o trabalho dos profissionais da Educação Física. Ainda para Pasquali, Alves e Pereira (1998), ela é uma teoria que procura lidar com a complexidade do comportamento humano, sem deixar de utilizar constructos definidos operacionalmente e hipóteses testáveis empiricamente.

Segundo O'Brien (1984 *apud* XAVIER, 2005), o *locus* de controle é a expectativa do indivíduo sobre a medida em que os seus reforçamentos se encontram sob controle interno (esforço pessoal, competência, etc.), ou externo (as outras pessoas, sorte, chance, etc.). Neste sentido, dependendo de serem externos ou internos, os sujeitos reagirão de maneira diferente às contingências de reforçamento, o que permitirá refinar as predições acerca de como esses reforçamentos alteram as suas experiências (BASTOS, 1991 *apud* PASQUALI, ALVES e PEREIRA, 1998). Para Levy (2008), as pessoas identificadas com o controle interno têm, geralmente, como uma de suas características, maior persistência nos esforços para obter resultados em suas investidas. São, em geral, as que possuem maior fluência verbal e

apresentam maior satisfação durante a interação social (DELA COLETA, 1982, BARBOZA, 2001 *apud* LEVY, 2008). Sendo assim, há uma tendência em se relacionar a internalidade com características mais positivas. (LEFCOURT, 1981, BARBOZA, 2001 *apud* LEVY, 2008). Porém, La Rosa (1991) citado por Abbad e Meneses (2004) lembra que se deve evitar a rotulação negativa do indivíduo com altos escores em externalidade, uma vez que alguns fatores do ambiente, como por exemplo, estabilidade no emprego, mercado de trabalho e oferta de emprego, não controláveis pelo indivíduo, afetam seus níveis de externalidade. É também por esses motivos, que os indivíduos podem apresentar LC interno em determinados momentos e LC externos em outros momentos. Levy (2008) diz que, segundo Levenson, o *locus* de controle externo não deve necessariamente significar algo ruim ou indesejável. Em sua escala, a externalidade é dividida entre pessoas que acreditam no poder de outras pessoas sobre si próprias e nas que julgam o mundo como imprevisível e incontrolável. (DELA COLETA, 1986 *apud* LEVY, 2008).

São inúmeras as vantagens de apresentar LC interno, entre elas estão, segundo Ribeiro (2000), o favorecimento de algumas características afeto-sociais e cognitivas, se apresentam mais tolerantes, são sociáveis, intelectualmente eficazes, são afirmativos e normalmente independentes. Já os indivíduos que apresentam escores altos de externalidade, para a mesma autora, são pessoas que se mostram mais agressivas por causa das frustrações, são dogmáticas, não acreditam em si próprias e utilizam mais mecanismos de defesa. Tanto as características dos internalizados se apresentam mais adequadas para praticantes e competidores de esportes, quanto as características dos externalizados não são tão apropriadas para os esportistas. Porém, se deve ter o conhecimento que indivíduos externalizados irão praticar esporte e participarão de competições. Faz parte de nosso trabalho termos esse conhecimento e utilizá-lo da melhor forma. Segundo Reppold e Hutz (2003), os indivíduos que atribuem seus sucessos a esforços e atributos pessoais tendem a desenvolver mais afetos positivos e melhores expectativas de desempenho do que aqueles que os atribuem a outras dimensões. Já para Eccles, Wigfield e Schiefele (1998 *apud* REPPOLD e HUTZ, 2003) aqueles que justificam seus fracassos através da inaptidão e falta de capacidade, tendem a sentirem-se culpados, ansiosos, amedrontados, a apresentarem menor rendimento acadêmico e a serem mais ambivalentes diante da necessidade de tomadas de decisões. Logo, é possível perceber que mesmo os indivíduos internalizados demandam cuidados na hora de

fazermos a transferência de aprendizagem. As pesquisas já realizadas com esportistas afirmam que atletas normalmente apresentam escores que indicam sua percepção do ocorrido com *locus* interiorizado. Não há uma forma melhor ou pior de perceber o que acontece consigo, com quem e o que esta por perto, por isso, não se pode acreditar que pessoas que alcançaram escores que apontem *locus* de controle externo sejam pessoas que apresentam características ruins ou não desejáveis. É apenas uma forma de captar as informações a sua volta. Por causa da percepção que o sujeito tem sobre os acontecimentos em sua volta serem mais importantes do que as fontes reais dos eventos ocorridos, é bastante interessante para o professor de Educação Física ter conhecimento desta variável e de utiliza-la para melhor prescrição a aplicação de atividades.

Aproximando ainda mais o LC à aprendizagem e ao treinamento, Noé (1986 *apud* ALVES, PASQUALI e PEREIRA, 1999) afirma que os indivíduos internos (*locus* de controle interno) tenderão a ter excelentes resultados de aprendizagem, uma vez que aceitam o *feedback* e tomam medidas para corrigir a *performance*. Ainda segundo Alves, Pasquali e Pereira (1999), o LC do sujeito poderá afetar a motivação individual e a habilidade para aprender. Já em relação ao treinamento e o *locus* de controle, ainda há poucas pesquisas aplicadas às situações de treinamento (ABBAD, CORRÊA e MENESES, 2010). Em estudos feitos em 2003, Meneses e Abbad perceberam que o LC e motivação para o treinamento se relacionam fortemente. Além disso, para Tannenbaum, Mathieu, Salas e Cannon-Bowers (1991 *apud* TAMAYO e ABBAD, 2006), a eficácia de treinamentos depende, em parte, de características individuais dos treinandos. Assim, é importante conhecer os atletas e alunos para quem são ministradas aulas e treinamento esportivo. Relacionando ainda mais com a aprendizagem, não se deve somente conhecer esse indivíduo, mas também saber que as estratégias utilizadas para processar informação são como métodos para selecionar, organizar e operar informações (CIANFLONE, 1996) e que as mesmas estão intimamente ligadas ao conhecimento que se deve ter do indivíduo e como ele reage a novas experiências para executarmos o trabalho da forma mais eficiente. Assim, o *locus* de controle não é uma característica a ser descoberta dentro das pessoas, ele apenas auxiliará nas interpretações de respostas dadas por elas. Por exemplo, o professor pode ter a intenção e realizar ações que estimulem a ocorrência de determinados comportamentos (MARQUEZAN e DUARTE, 2000). Por fim, o LC

procura explicar as razões de um indivíduo adotar um comportamento e não outro, em um conjunto de comportamentos possíveis (PINTO, 2004).

3.4 As Escalas de *Locus* de Controle

Para ter um bom resultado de pesquisa, deve-se optar por uma boa escala de *locus* de controle. A escolha se torna uma tarefa importante, pois, se tratando de um questionário que leva em conta a percepção de indivíduos. Há variação na forma de reagir da pessoa avaliada, que depende da tarefa realizada, do acaso e de suas habilidades no momento da coleta. Por isso, as escalas veem sendo reajustadas, adaptadas e modificadas ao longo dos anos para melhor atender as necessidades dos pesquisadores. Em diversas revisões de literatura publicadas nos últimos anos, foi possível constatar cerca de 60 instrumentos construídos para abranger diferentes propostas de pesquisa na área da saúde, do trabalho e para outros tantos propósitos. A proliferação de instrumentos para a avaliação do *locus* de controle está intimamente relacionada com a definição dada ao constructo (ROTTER, 1966 *apud* CERQUEIA e NASCIMENTO, 2008). Ainda segundo Cerqueia e Nascimento (2008), é possível que um indivíduo apresente internalidade em um domínio particular como, por exemplo, no trabalho, mas atribua a fatores externos a qualidade da sua saúde. Assim, é sugerido ao pesquisador que aplique uma das escalas no momento que mais lhe interessar saber do comportamento de seu avaliado, pois dependendo do contexto, seus escores de internalidade e externalidade podem se alterar.

A primeira escala de mensuração do *locus* de controle foi elaborada em 1955, por Phares, e teve posteriormente a ampliação da escala por James, em 1957, com a inserção de 30 itens, passando a ser composta de 60 itens (BARBOZA, 2001 *apud* LEVY, 2008). Acredita-se que por este motivo, os estudos ficavam inviabilizados, muito tempo para se responder as questões antes ou depois de sessões de treinamento e pelo pouco conhecimento de seu benefício para a aplicação de prática e de transferência de aprendizagem. Dez anos após, Rotter desenvolve, no ano 1966, a Escala de *Locus* de Controle Inter-Externo, se tornando a escala mais utilizada. Porém, seu questionário era composto por 29 questões e o autor acreditava que os indivíduos apresentavam ou internalidade ou externalidade no controle das ações percebidas. Rotter acredita que o constructo é unidimensional. Em 1973, Levenson produz a Escala Multidimensional de *Locus* de Controle, se diferenciando dos outros

no que diz respeito aos dois tipos de controle externo, ainda não considerado pelos autores anteriores. Levenson considerava dois tipos de externalidade: o controle externo autêntico e o controle externo defensivo. O primeiro diz respeito aos indivíduos que acreditam no poder da natureza, de uma entidade, da sorte, do destino e o segundo se refere aos que acreditam no poder de outra pessoa, como se o outro indivíduo tivesse mais poder ou poder sobre ele, como por exemplo: professores, pais, treinadores, árbitros e governantes e acreditam que futuramente terão domínio de suas vidas. A escala elaborada por Levenson é a mais utilizada atualmente. Rotter e Levenson são os dois maiores autores deste constructo. Encontrou-se na literatura brasileira a publicação de cinco escalas para a avaliação do *locus* de controle. Essas escalas relacionam-se aos seguintes domínios: eventos gerais da vida cotidiana, casamento, ambiente organizacional e saúde (CERQUEIA e NASCIMENTO, 2008).

3.5 A Escala Multidimensional de *Locus* de Controle de Levenson (IPC) e a sua aplicação

Levenson estava realizando sua monografia de final de curso baseada da teoria de Rotter, e ao ser forçada a ficar mais um ano na faculdade devido a mudança do reitor da faculdade e mudança da grade curricular, passou a repensar esta teoria (RODRIGUES, 2007). Por passar por uma experiência de depender de outras pessoas, a pesquisadora sugeriu uma nova divisão para a dimensão externalidade: uma é a sub dimensão social, quando o indivíduo acredita que o controle dos acontecimentos está em outros poderosos e a segunda sub dimensão é a impessoal, quando o indivíduo acredita que o controle dos acontecimentos está atribuído ao acaso. Hanna Levenson publicou nos anos de 1973, 1974 e 1981, sempre aprimorando sua teoria. A Escala Multidimensional de *Locus* de Controle foi desenvolvida por Levenson (1981), traduzida e adaptada para o contexto brasileiro por Dela Coleta (1987) e validada por Tamayo (1989) (RODRIGUES, 2007). Este instrumento foi utilizado para avaliar o tipo de atribuição dos sujeitos para explicar as causas dos eventos de sua vida (DELA COLETA, 1987 *apud* BANDEIRA e colaboradores, 2005). A escala é composta por vinte e quatro itens divididos em três sub dimensões.

ESCALAS	ITENS
Internalidade	1, 4, 5, 9, 18, 19, 21 e 23
Outros Poderosos	3, 8, 11, 13, 15, 17, 20 e 22
Acaso	2, 6, 7, 10, 12, 14, 16 e 24

Tabela 1 – Sub dimensões e itens correspondentes (adaptada de Levenson, 1981).

A tabela 1 mostra que cada sub dimensão é composta por oito itens da escala. Os respondentes têm seis opções de respostas, devem escolher entre discordo, discordo de maneira acentuada, discordo de maneira muito acentuada, concordo, concordo de maneira acentuada e concordo de maneira muito acentuada, devendo marcar somente uma das respostas por questão. Não há respostas certas ou erradas. As afirmações devem ser lidas com cuidado e a melhor resposta é a primeira impressão, a primeira opinião, que o indivíduo tem diante da afirmativa. A amostra deve ser orientada a, caso a opinião não seja suprida com uma das alternativas, escolher a que mais se aproxima de sua opinião. A medida de cada resposta dada pelos participantes esta representada pela tabela 2.

Discordo de maneira muito acentuada	Discordo de maneira acentuada	Discordo	Concordo	Concordo de maneira acentuada	Concordo de maneira muito acentuada
-3	-2	-1	+1	+2	+3

Tabela 2 – Medidas das respostas da Escala Multidimensional de Levenson (adaptada de Levenson, 1981).

Após aplicar o teste e computar as respostas dos sujeitos da amostra com uma soma aritmética e obter um score, para esse score deve-se acrescentar mais 24. O intervalo possível para cada sub escala é o de 0 a 48, então, cada sujeito recebe três pontuações indicativas de seu *locus* de controle. Lembra-se que uma pessoa pode

apresentar pontuação alta ou baixa em todas as três dimensões. As interpretações encontram-se na figura 1. Escores altos em cada escala são interpretados como indicativo de alta expectativa de controle pela fonte correspondente, e baixos escores, indicam uma não tendência em apresentar aquela crença como a fonte controladora dos acontecimentos. Para conhecer o sujeito basta calcular os escores e interpretar o resultado. O questionário tem aplicabilidade simples e de rápida execução.

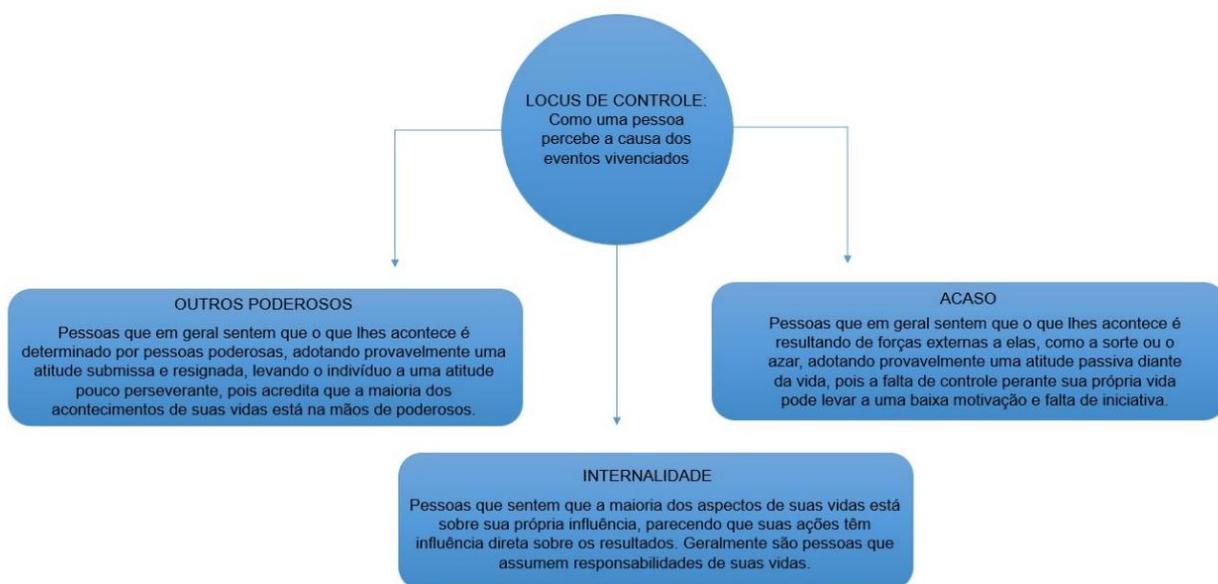


Figura 1 – Sub dimensões do *Locus* de Controle (adaptada de Rodrigues, 2007).

As três dimensões avaliadas pela escala IPC são independentes no sentido em que teoricamente não se prevê que exista relação entre si (PINTO, 2004). Soares (2007 *apud* CARVALHO, 2010) refere que escala está sendo fortemente utilizada nas ciências sociais e humanas bem como na área da saúde. Nesta medida esta escala será uma boa opção como instrumento a ser utilizado neste estudo, para identificar o *locus* de controle dos atletas universitários de esporte coletivos de quadra.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 Tipo de Estudo

Este trabalho é classificado como de caráter misto. No que diz respeito a alcançar o objetivo de mostrar que o constructo é importante para a aprendizagem e para o treinamento, o estudo é descritivo, sendo assim, qualitativo. Para atingir o objetivo geral e os dois outros objetivos específicos, os quais são: identificar a orientação do *locus* de controle dos atletas universitários de modalidades esportivas de quadra e verificar se há diferença entre os gêneros com relação aos resultados obtidos com a Escala Multidimensional, apresentar o perfil dos atletas universitários que representam a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e apresentar os resultados obtidos em cada uma das cinco modalidades coletivas de quadra, o estudo é quantitativo.

4.2 Participantes do Estudo

A amostra foi do tipo intencional por conveniência. Participaram do estudo: adultos com idade igual ou maior há 18 anos, todos são atletas universitários que participaram de pelo menos um treino com a equipe de sua modalidade e que tenha representado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo menos em uma competição esportiva. Dentre os atletas que participaram desse estudo há estudantes de diversos cursos de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O número total da amostra é de 80 atletas (n=80). A entrevista foi preenchida por atletas universitários de cinco diferentes esportes coletivos de quadra: Basquetebol (n=25), Voleibol (n=11), Futsal (n=19), Hóquei *Indoor* (n=10) e Handebol (n=15).

4.3 Instrumentos de Coleta de Dados

Dois questionários compuseram as ferramentas para a coleta de dados desse devido estudo. A primeira tarefa para os atletas foi preencher um questionário

composto por 17 perguntas abertas e fechadas. As questões que compõe o roteiro desta entrevista foram elaboradas a partir de questionamentos pessoais que se acreditava ser uma forma para obtenção de maior conhecimento sobre os indivíduos estudados. Na segunda tarefa foi aplicado o questionário de 24 questões referentes ao teste da Escala Multidimensional de *Locus* de Controle de Levenson.

4.4 Procedimentos de Coleta de Dados

O estudo não foi submetido à Comissão de Pesquisa (COMPESQ) e nem ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pois não há interesse de publica-lo. Foram contatados os treinadores das cinco modalidades de esportes coletivos de quadra da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que orientam treinos na Escola de Educação Física, onde essa pesquisa ocorreu, para que fosse autorizada a realização do presente estudo. As coletas foram obtidas antes ou após as sessões de treinamento, dependendo da preferencia dos treinadores em liberar os atletas.

A coleta de dados foi realizada pela principal pesquisadora. A primeira coleta ocorreu na segunda quinzena de agosto e a última no final do mês de setembro de 2013. As coletas ocorreram na fase preparatória para a Copa Unisinos ocorrida em São Leopoldo no final do mês de outubro deste ano. Assim, os atletas foram abordados individualmente e apresentando o real objetivo da pesquisa, através da carta de informação e sequencialmente após a aprovação da participação de cada indivíduo, foi fornecido para breve leitura a documentação de sua participação e o termo de consentimento livre e esclarecido. Todos os atletas assinaram o termo. As entrevistas ocorreram em dois dias de treinos de cada modalidade.

4.5 Procedimentos de Análise de Dados

As informações colhidas através de um questionário de perguntas abertas e fechadas foram trabalhadas a partir de uma análise de itens e foram considerados os mais relevantes para esse momento, traçando o perfil dos atletas universitários. As respostas originaram categorias com temas gerais, considerados importantes para, além de traçar o perfil dos atletas, também poder mostrar aos treinadores e

professores a percepção dos respondentes em relação aos acontecimentos que os motivam a treinar e competir e como eles percebem a sua prática.

O inventário de *locus* de controle de Levenson foi aplicado, pois, este instrumento foi utilizado para avaliar o tipo de atribuição dos sujeitos para explicar as causas dos eventos de sua vida (DELA COLETA, 1987 *apud* LEVY, 2008) e trata-se de um instrumento de auto avaliação.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentadas as preferências e dados gerais dos participantes do estudo, os resultados referentes aos escores de internalidade e externalidade demonstrados pelos atletas e a diferença em relação ao *locus* de controle entre os gêneros.

5.1 Perfil da amostra

O ano de nascimento dos atletas está representado na figura 2, tendo a amostra 80 participantes (n=80), compostos por competidores das equipes de voleibol, handebol, hóquei *indoor*, basquetebol e futsal.

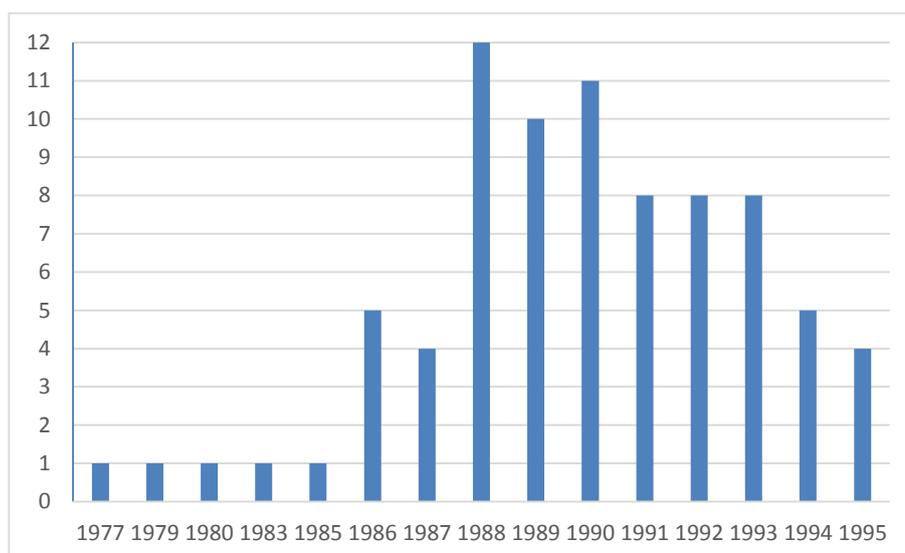


Figura 2 – Ano de nascimento dos atletas universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A média de idade da amostra deste estudo é de 23,6 anos. Das cinco modalidades estudadas, a que apresenta a média de idade mais alta é o voleibol masculino, com 27,4 anos de idade. A modalidade que apresenta a média mais alta no gênero feminino é o basquetebol com 27,4 anos de idade. As equipes que se apresentam mais jovens são: o handebol feminino com 21,6 anos de idade e o futsal masculino com 21,8 anos de idade.

No que diz respeito aos cursos de graduação em que estão matriculados, os estudantes que mais participam de equipes de esporte universitário estão os alunos do curso graduação em Educação Física. Na figura 3, pode-se ver um panorama com a porcentagem de indivíduos que estão matriculados nos cursos disponíveis na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

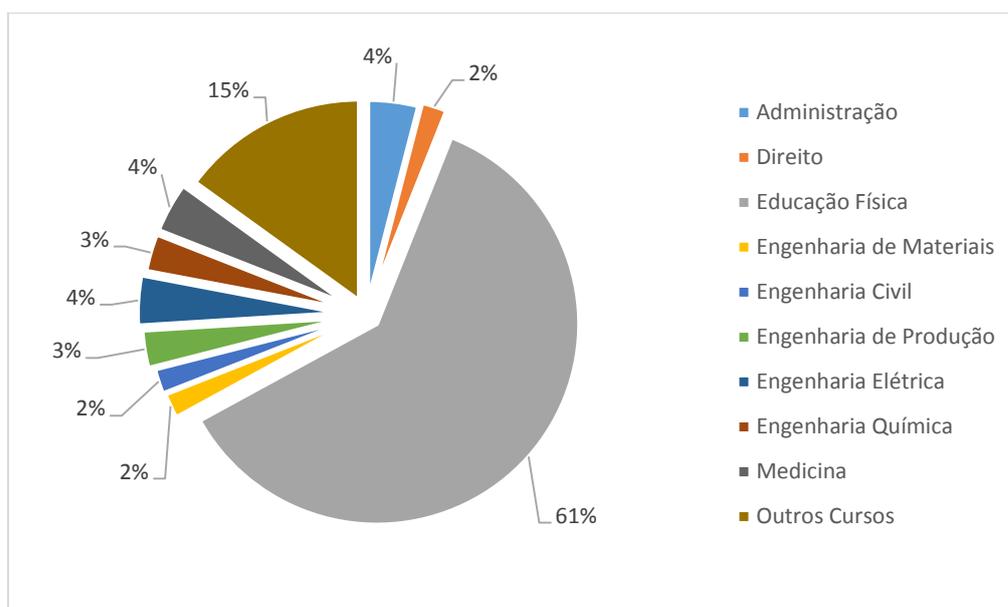


Figura 3 – Atletas universitários nos cursos de graduação da Universidade Federal do RS.

Todos os atletas do Hóquei *Indoor* (n=10) estão matriculados na Universidade pelo curso de Educação Física. É possível que o mesmo aconteça pelo motivo da modalidade de Hóquei *Indoor* competitivo ter se iniciado no começo do ano de 2013. Antes disto, no final do ano de 2012, o Hóquei começou a ser ministrado nas dependências da Escola de Educação Física (EsEF) como uma cadeira opcional do curso de Educação Física, motivando e interessando alunos para continuar praticando a modalidade. Acredita-se que o motivo de não haver sujeitos de outros cursos de graduação seja a pouca divulgação da modalidade a âmbito estadual.

Em relação aos anos de prática da modalidade e aos anos de praticante como atleta universitário as médias mais altas vêm do futsal masculino, 13 anos e seis meses de prática da modalidade, média próxima ao basquete feminino que apresenta 13 anos e três meses de prática do esporte. Como atletas universitários, os que apresentam mais tempo de prática estão os atletas do voleibol masculino, com seis

anos e seis meses de atividade. O basquete feminino volta a aparecer também como maior tempo de atividade como atletas universitárias, apresentam cinco anos e três meses de experiência. Os atletas do hóquei *indoor* são os que apresentam menor tempo de experiência no esporte e tempo como atletas universitários, tanto no masculino quanto no feminino.

Independentemente do significado de cada nomenclatura, foi perguntado à amostra se considerava ser treinado por um professor, técnico, estagiário ou sem orientação. O resultado pode ser visto na figura 4.

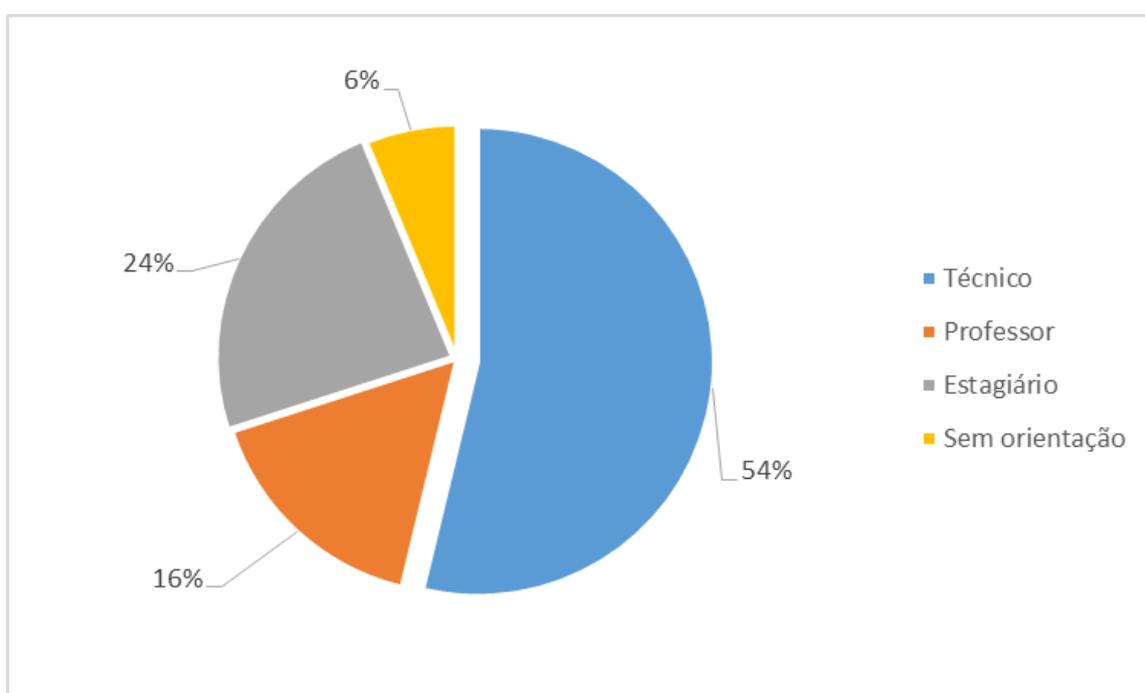


Figura 4 – Orientação das atividades esportivas universitárias.

Os atletas do voleibol masculino ($n=3$) consideram não ter orientação. Todos se reúnem no horário combinado de treinamento e aproveitam uns das experiências dos outros, dos anos de experiência de cada atleta na prática, para treinarem para competições. Entre os atletas do voleibol masculino há estudantes de educação física. Por outro lado, os esportistas do hóquei *indoor* ($n=10$) se consideram treinados por um professor e isso, deve vir do fato de o treino estar ligado à cadeira de Hóquei ministrada na Escola de Educação Física.

Dentro do questionário foram listadas competições que os atletas universitários costumam participar, desde ao nível municipal até ao nível brasileiro. Entre as

competições estavam: o Campeonato Municipal, Copa Unisinos, os Jogos Universitários Gaúchos (JUGs) e os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs), agora, conhecido como Olimpíadas Universitárias. Na figura 5, estão dispostas as competições que os esportistas preferem competir.

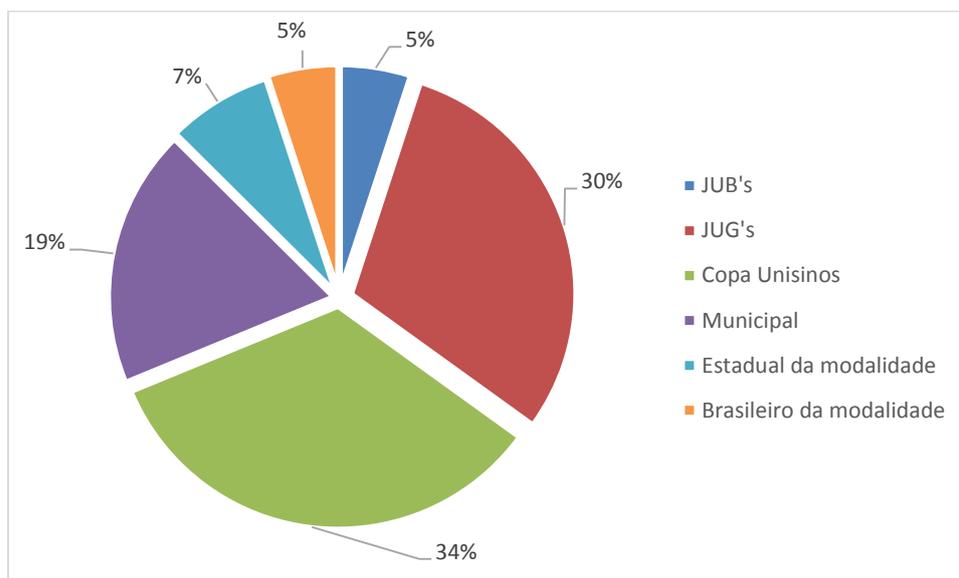


Figura 5 – Competições que os atletas gostam de participar.

Foram acrescentadas ao gráfico as competições: Campeonato Estadual de Hóquei *Indoor* e Campeonato Brasileiro de Hóquei *Indoor*, pois a modalidade não foi incluída nas competições sugeridas pela pesquisa. Os atletas indicaram as competições preferidas, o hóquei feminino participou da competição ao nível estadual e os atletas masculinos participaram da competição ao nível brasileiro.

Entre os motivos pela escolha da Copa Unisinos, estão: o clima competitivo e a interação com as outras equipes participantes. O principal motivo da escolha do JUGs é a chance, caso dos vencedores das modalidades, de conseguir a vaga para a participação das Olimpíadas Universitárias.

Ainda dentro do interesse por competições, foram sugeridos motivos para a participação em competições. Entre os itens estavam: viajar, por determinação de colegas e treinadores, por que gosta, por motivar a treinar, busca de resultados e por lazer. Na figura 6, estão as porcentagens vinculadas em todas as alternativas.

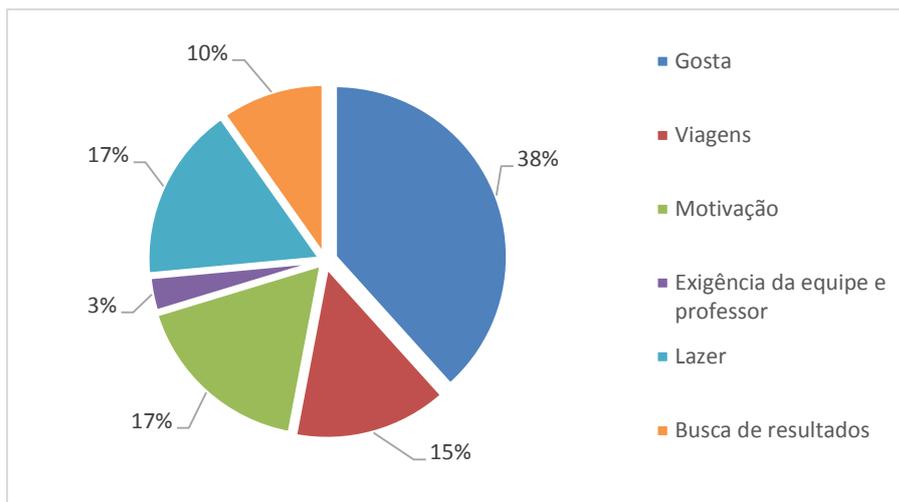


Figura 6 – Motivos para a participação em competições.

Entre os atletas que apresentaram o motivo para competir como exigência do treinador e dos colegas (n=6), dois esportistas apresentaram escores altos em externalidade/acaso e outro apresentou escores altos em externalidade/outros poderosos. Além disso, apenas um atleta não apresenta bom relacionamento com o treinador, e o mesmo não se sente motivado pelo treinador a continuar treinando. Outros três esportistas não se sentem motivados pelo técnico para continuar na prática, mas têm um bom relacionamento com quem lhe passa o treinamento. Características como estas lembram os atributos dos indivíduos que apresentam *locus* de controle externo, apesar dos desmotivados apresentarem *locus* de controle interno. Segundo Kutia & Pimenta (2004 *apud* OLANDOSKI, 2012), o LC é considerado um traço de personalidade estável e capaz de afetar a motivação para aprendizagem.

Como último item a ser tratado sobre o perfil dos atletas, o estudo apresenta a visão dos atletas diante sua prática. Foram dadas as seguintes opções: treino, aula e lazer e o esportista deveria optar por um dos itens que considerasse ser ou como percebe a sua prática em quadra nas atividades semanais. Na figura 7, estão os resultados.

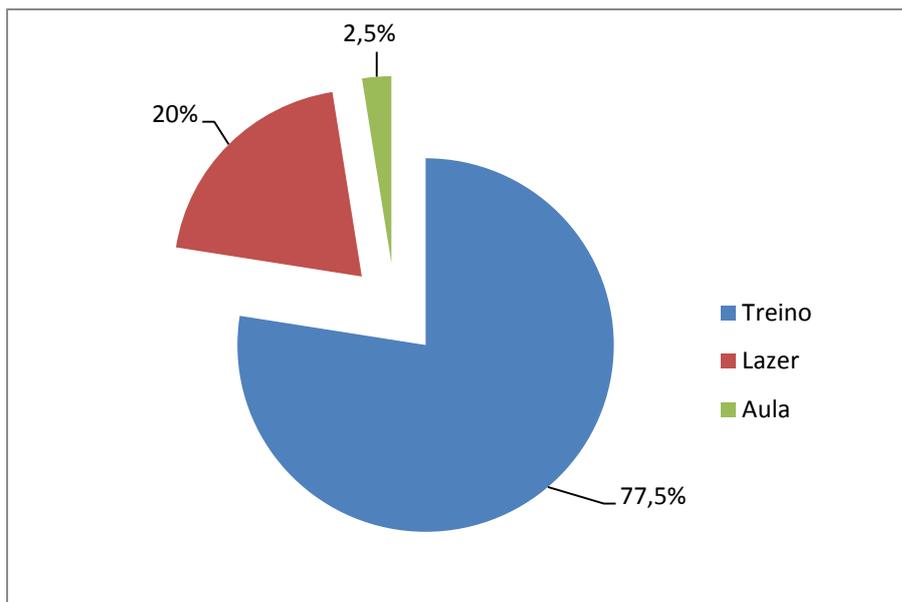


Figura 7 – Definição das atividades esportivas semanais.

Apenas dois atletas percebem suas atividades como sendo de aulas. Independentemente do significado de cada termo, é válido o questionamento, assim pode-se perceber os atletas que estão na prática e quais os motivos, nem todos pensam de forma mais competitiva. Segundo Silva e Sá (1993 *apud* RIBEIRO, 2000), De acordo com esta perspectiva, se o aprendiz não valorizar a atividade que está realizando, se não considerar que os resultados da aprendizagem estão dependentes do seu próprio esforço, ou se sentir que não é o responsável pelos resultados da tarefa, poderá empreender menor esforço, fazer apelo a estratégias de estudo menos elaboradas durante a execução da tarefa, ou poderá mesmo desistir de realizá-la. Os atletas que apresentaram a ideia de aula como prática de suas atividades semanais participam do hóquei *indoor*. Alguns atletas do time de hóquei que representam a Universidade ainda estão tendo aulas para aprenderem a modalidade, pois a prática é muito recente dentro das dependências da Escola de Educação Física.

Sabe-se da importância de conhecer o aluno ou atleta para se desenvolver um melhor trabalho, conhecer suas preferências e motivações se tornam essenciais para uma melhor opção de ensino para uma aprendizagem efetiva e o mesmo ocorre com os treinos, os atletas devem estar sempre recebendo a orientação apropriada para melhorar o desempenho futuro. Além disso, parece que o conjunto de variáveis de natureza psicossocial tem relação com o rendimento dos indivíduos na situação de

aprendizagem, ou seja, interferem na aprendizagem, no desempenho de suas competências, no relacionamento com seus pares, etc (PASQUALI, ALVES e PEREIRA, 1998). Os atletas devem perceber que o ambiente de treinamento é planejado para responder aos seus esforços.

5.2 *Locus* de controle em atletas universitários praticantes de esportes coletivos de quadra

A amostra apresentou altos escores em internalidade, como se pode observar na figura 8.

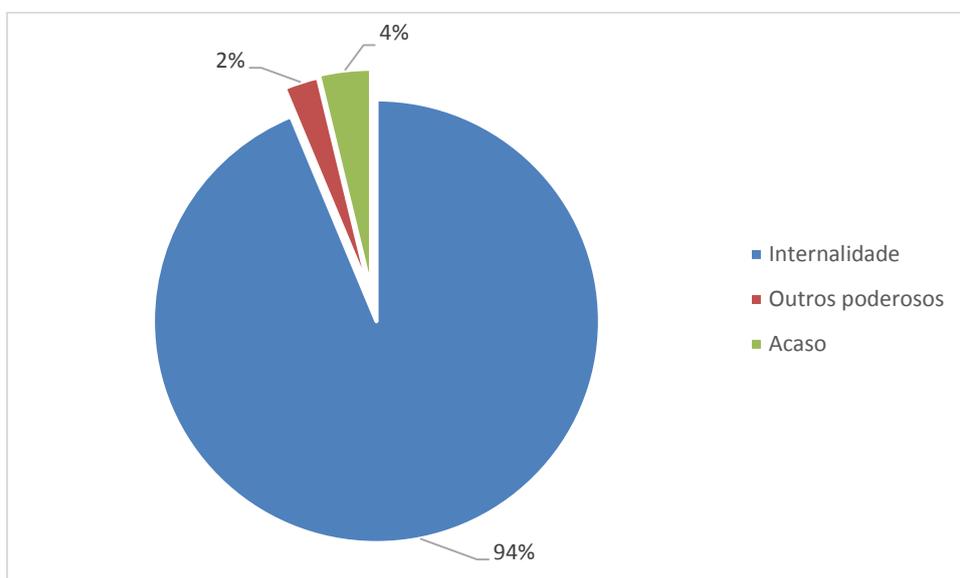


Figura 8 – *Locus* de controle em atletas universitários.

Dos atletas que participaram desta pesquisa (n=80), cinco apresentam *locus* de controle externo. Dois esportistas apresentam externalidade na sub dimensão outros poderosos (OP) e três atletas mostram-se na sub dimensão acaso (A). Nas figuras 9 ,10, 11, 12 e 13 se vai mais afundo e observa-se o *locus* de controle em cada modalidade participante.

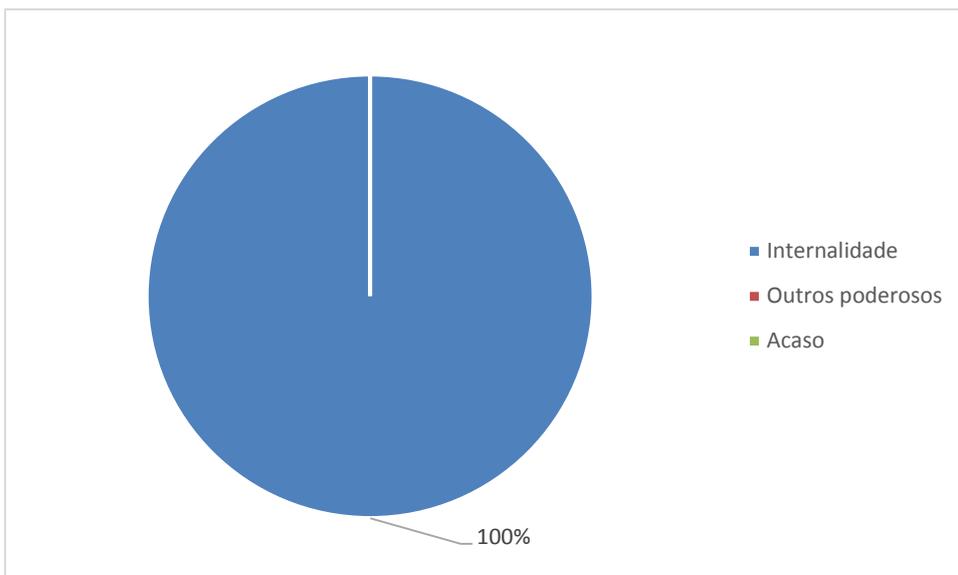


Figura 9 – *Locus* de controle no Hóquei *Indoor*.

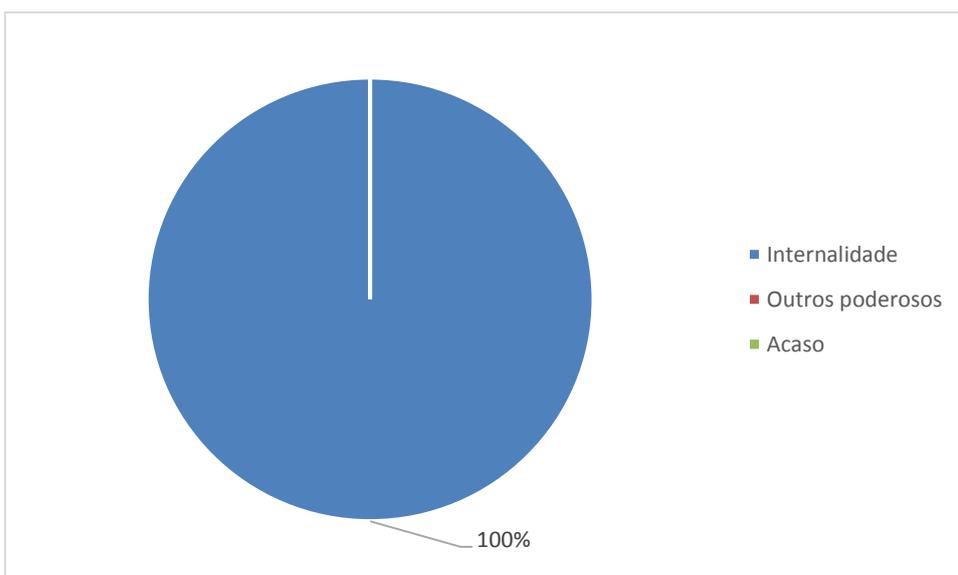


Figura 10 – *Locus* de controle no Handebol.

Os praticantes de handebol e hóquei *indoor* não apresentaram forte traço de externalidade. Porém, no handebol de naípe feminino, pode-se observar a existência de uma atleta que apresenta altos escores na sub escala Outros Poderosos e dois indivíduos no masculino da mesma modalidade, um apresentando altos escores em Outros Poderosos e o outro em Acaso. No hóquei *indoor*, observou-se escores elevados apenas no feminino da modalidade. Duas sportistas apresentaram altos

escores em Acaso e uma atleta apresentou elevado índice na sub escala Outros Poderosos.

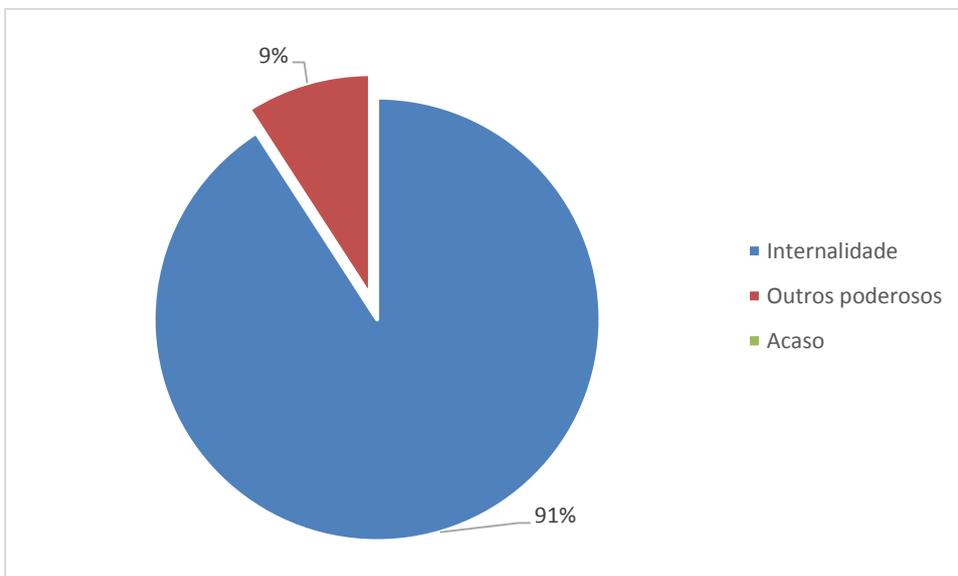


Figura 11 – *Locus* de controle no Voleibol.

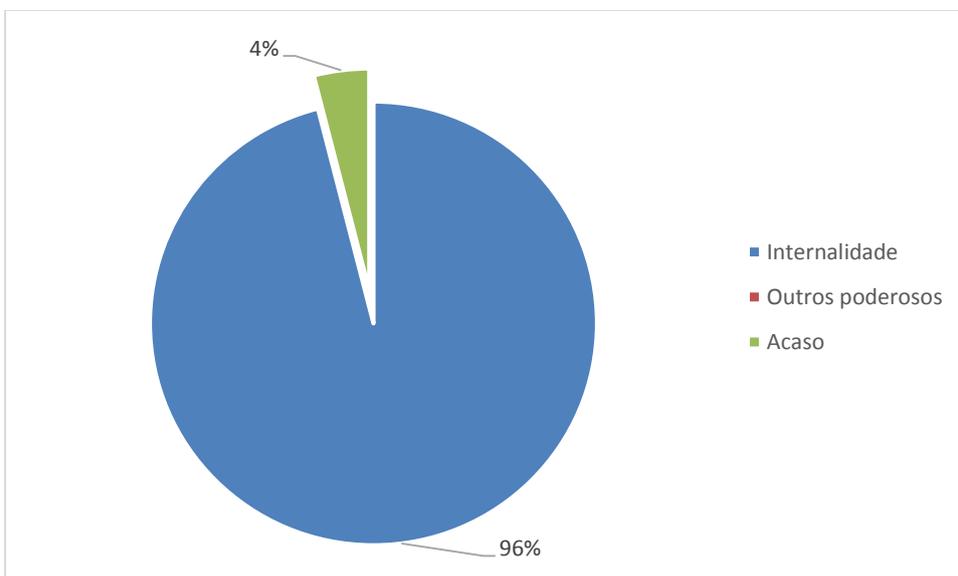


Figura 12 – *Locus* de controle no Basquetebol.

Nas modalidades basquetebol e voleibol, pode-se observar a inexistência de *locus* externalizados por parte dos participantes do gênero masculino. Ainda assim, o basquetebol masculino apresentou-se com escores altos na sub dimensão de OP de

dois atletas e A em outro. No quarto atleta, tanto a sub dimensão Outros Poderosos, quanto em Acaso apareceram com escores altos, mesmo se tratando de um indivíduo analisado como internalizado. No que diz respeito ao gênero feminino, no voleibol observou-se uma atleta com *locus* de controle em Outros Poderosos e apresentando altos escores nas outras duas sub dimensões. No basquete feminino notou-se a presença de uma atleta com *locus* de controle na sub dimensão Acaso. A mesma atleta apresentou altos índices de internalidade, mesmo se tratando de uma esportista em *locus* de controle externo. Ainda no feminino das duas modalidades, observaram-se entre as atletas internalizadas, três atletas do voleibol e duas do basquetebol com escores elevados em OP e A.

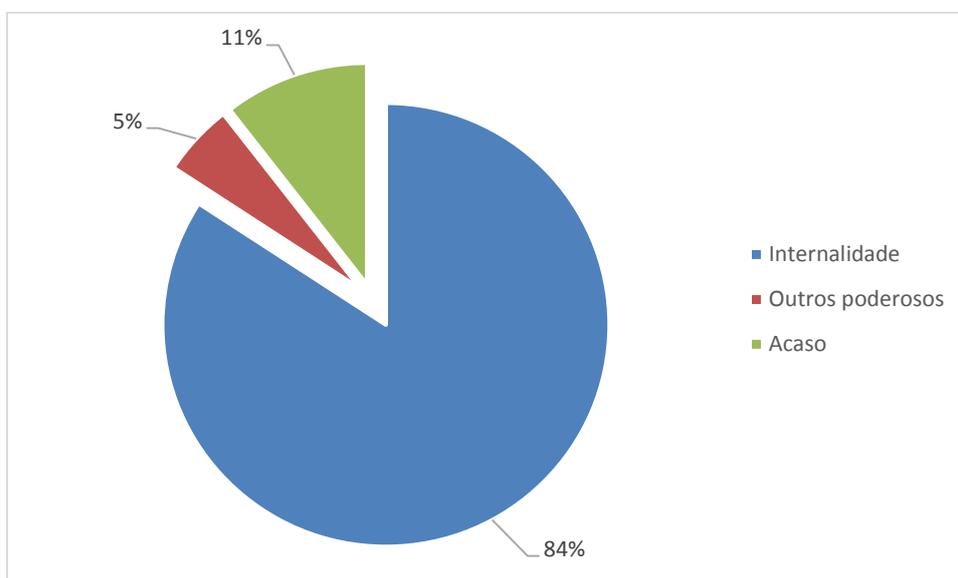


Figura 13 – *Locus* de Controle no Futsal.

No que diz respeito à modalidade do futsal, uma atleta apresentou *locus* de controle externalizado em OP, mas com índices altos em internalidade. No masculino, dois atletas apresentaram externalidade em A, mas escores altos nas outras duas sub dimensões. Nos que apresentaram internalidade, duas atletas apresentaram escores altos em externalidade, a primeira em OP e a outra em A. No masculino, quatro atletas mostraram-se com escores elevados em OP e A. Outros quatro atletas internalizados apresentaram altos escores em OP e um atleta em A.

Para maior clareza na diferença entre mulher e homens e o *locus* de controle dos esportistas, foram elaboradas as figuras 14 e 15.

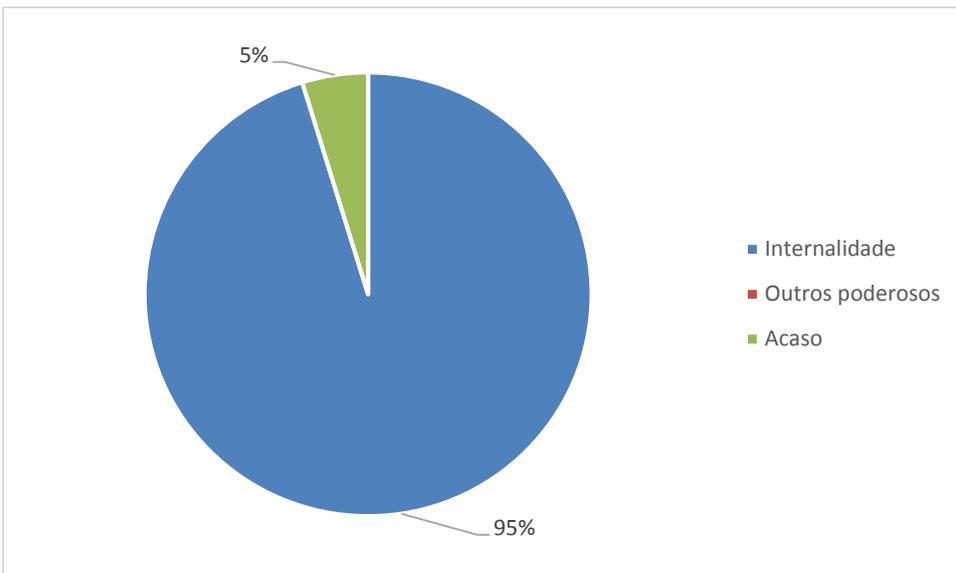


Figura 14 – *Locus* de controle e atletas do gênero masculino.

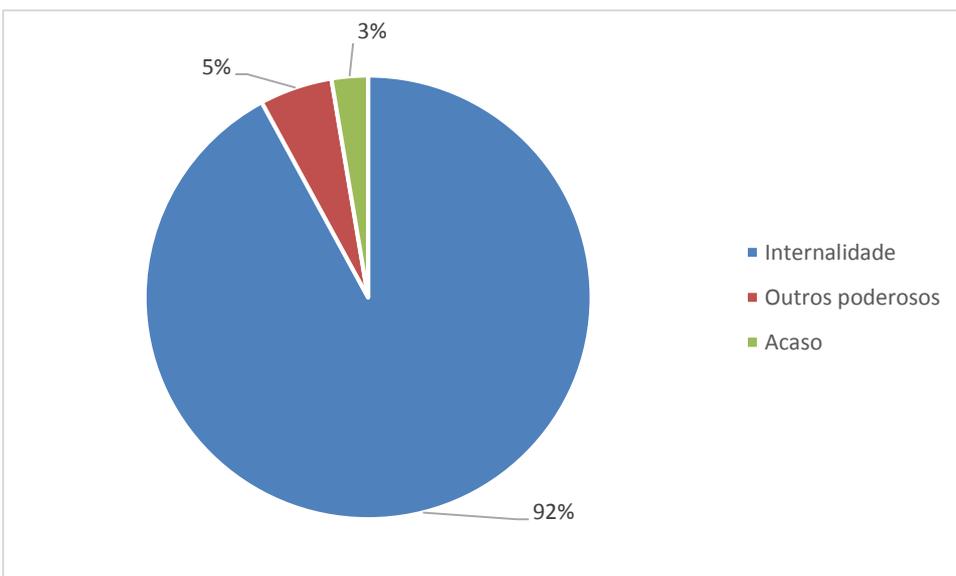


Figura 15 – *Locus* de controle em atletas do gênero feminino.

As atletas das modalidades femininas apresentam maiores índices de *locus* de controle externo que os atletas do naipe masculino. Foi encontrada pouca literatura sobre a diferença dos gêneros e o *locus* de controle, além disso, o presente estudo não pretende discutir, mas sim, apresentar estes dados.

Acredita-se que a amostra se caracterizou predominantemente internalizada, pois os atletas necessitam, para empenhar de forma adequada as suas atividades,

das características que apresentam os indivíduos internalizados. Pessoas com o LC interno acreditam que o que podem alcançar é controlado por seus esforços e competências (RODRIGUES, 2007). Ainda, segundo a autora citando Bustamante (1985), pessoas com LC interno tendem a se responsabilizar pelos seus atos e, por isso, talvez busquem formas de repararem seus erros. Característica essa, importante, pois os praticantes não teriam auxílio de treinador/professor e dos colegas de equipe para as decisões rápidas e de mudança de jogo. Quando os indivíduos com *locus* de controle interno percebem que suas performances estão fora do padrão, se esforçam para alcançá-las (WEISS e SHERMAN, 1973 *apud* RODRIGUES, 2007). Segundo Horne e Winman (1996, ALMEIDA e PEREIRA 2006 *apud* CARVALHO, 2010), inúmeros estudos efetuados parecem demonstrar que os indivíduos com um *locus* de controle interno desenvolvem maior probabilidade de desenvolver comportamentos promotores de saúde. Afirmação condizente com a prática esportiva e com o possível cuidado com a saúde, já que a motivação para a prática foi justificada por muitos como sendo uma prática prazerosa e que os mantém saudáveis. Pasquali, Alves e Pereira (1998), afirmam que a literatura indica que indivíduos com atividade intelectual elevada possuem grande internalidade. O estudo colabora com a afirmativa uma vez que todos os atletas são estudantes do ensino superior. No que diz respeito aos indivíduos com controle externo ou que apresentaram escores elevados em subdimensões externalizadas mesmo apresentando *locus* de controle interno podemos sugerir que o elevado número tenha ocorrido do possível fato, segundo Lacerda (1998, BARBOZA, 2001 *apud* LEVY, 2008), que para muitos atletas o grande prazer é superar-se e exibir-se publicamente, mostrando o que foi alcançado após tantos esforços e sacrifícios. Assim, Barboza (2001 *apud* LEVY, 2008) observou a existência de uma influência de caráter externo. Logo, o reconhecimento pode aparecer como forma de motivação para o esportista. A outra possível justificativa para o alto índice de externalidade em esportistas pode vir do fato, segundo Wiseman (2003 *apud* RODRIGUES, 2007), de que pessoas que dizem que foi o azar o causador de um acontecimento negativo em suas vidas são pessoas que não querem ser responsabilizadas pelos seus fracassos.

O *locus* de controle, por ser um constructo que trata da percepção individual sobre o controle dos episódios vividos, pode nos auxiliar no maior conhecimento de nossos atletas e alunos para conseqüentemente executarmos trabalhos mais elaborados e com chances de melhorar o desempenho dos treinos e da aprendizagem

em aula. Pensa-se que o *locus* de controle é uma característica relativamente duradoura, embora modificável com a experiência (FINDLEY & COOPER, 1983 *apud* RIBEIRO, 2000). Para Ribeiro (2000) é de se salientar o papel dos professores, pois segundo Dyal (1984), citado pela autora, alguns estudos interculturais sugerem que em geral as práticas pedagógicas que favorecem a autonomia e a responsabilidade, fornecem aos aprendizes estruturas mais aptas a desenvolver a internalidade.

5.3 *Locus* de controle e a aprendizagem e o treinamento

Após uma breve ilustração dos possíveis benefícios do constructo para a aprendizagem e também para o treinamento, deixa-se aqui a sugestão para maiores esclarecimentos em futuros estudos aliando o *locus* de controle com a aprendizagem e o treinamento na área de Educação Física, já que a aprendizagem ocorre na medida em que ocorrem as trocas entre os indivíduos.

6 CONCLUSÃO

O principal objetivo deste estudo foi caracterizar o *locus* de controle em atletas universitários, verificar se havia diferença entre os gêneros e problematizar o constructo e sua importância para a aprendizagem e treinamento.

A percepção dos atletas, observada através do somatório de escores na Escala de *Locus* de Controle de Levenson, sobre os episódios diários de suas vidas, mostra que a grande maioria deles percebe o controle de forma interiorizada. No que se refere ao *locus* de controle externo, homens e mulheres apresentam diferenças. O número de atletas com *locus* de controle externo é superior nas modalidades femininas. A externalidade, nos homens, foi averiguada apenas na sub escala Acaso, onde 5% do total dos atletas apresentaram essa característica. Nas mulheres, foram manifestadas as sub escalas Outros Poderosos e Acaso, esta com 3% e aquela com 5%.

Os achados deste estudo indicam que deve ser considerada a aplicação de escalas de mensuração de *locus* de controle a modo de identificar características relacionadas ao comportamento e atitudes de esportistas, podendo assim auxiliar no treinamento de atletas ou na aprendizagem de indivíduos. Os dados obtidos com a escala pode auxiliar em prescrição de treinos e em aulas na área da Educação Física, mas não dispensa a complementação do acompanhamento de um Psicólogo sempre que for necessário. Ainda assim, para essa questão ser melhor desenvolvida é importante haver mais pesquisas em relação à aprendizagem e ao treinamento esportivo e ao constructo *locus* de controle.

Por fim, a realização desta pesquisa foi de suma importância para a pesquisadora e para seu crescimento profissional. Todas as etapas contribuíram de alguma forma para esse crescimento.

REFERÊNCIAS

ABBAD, G. S.; CORRÊA, V.P.; MENESES, P. P. M. **Avaliação de treinamentos a distância: relações entre estratégias de aprendizagem e satisfação com o treinamento.** São Paulo: Revista de Administração Mackenzie, v. 11, n. 2, 2010.

ABBAD, G.; MENESES, P. P. M. **Locus de controle: validação de uma escala em situação de treinamento.** Brasília: Estudos de Psicologia, (pp. 441-450), 2004.

ALVES, A. R.; PASQUALI, L.; PEREIRA, M. A. M. **Escala de satisfação com o treinamento – ESAST/TELEBRÁS/UNB.** São Paulo: Revista de Administração de Empresas, v. 39, n. 1, p. 25-30. 1999.

BANDEIRA, M.; QUAGLIA, M. A. C.; BACHETTI, L. S.; FERREIRA, T. L.; SOUZA, G. G. **Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, locus de controle e auto-estima em estudantes universitários.** Campinas: Estudos de Psicologia (pp. 111-121), 2005.

BARROSO, M. L. C.; ARAÚJO, A. G. S. A.; KEULEN, G. E. K.; BRAGA, R. K.; KREBS, R. J. **Motivos de prática de esportes coletivos universitários em Santa Catarina.** Florianópolis: Fórum Internacional De Esportes, n.6, 2007.

BORGES, E. C.; BUONICORE, A. C. **Memória do esporte educacional brasileiro: breve história dos Jogos Universitários e Escolares.** São Paulo : Centro de Estudos e Memória da Juventude, 2007.

CARVALHO, A. M. B. **Atribuições de causalidade para o sucesso e fracasso na modalidade esportiva voleibol feminino.** Brasília: Centro Universitário de Brasília - Faculdade Ciências da Saúde, 2004.

CARVALHO, M. C. F. C. S. **Satisfação profissional dos enfermeiros.** Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2010.

CERQUEIRA, M. M. M.; NASCIMENTO, E. **Construção e validação da Escala de Locus de Controle Parental na Saúde.** Belo Horizonte: Psico-USF, v. 13, n. 2, p. 253-263. 2008.

CIANFLONE, A. R. L. **Características individuais e aprendizagem: alguns subsídios para a formação do estudante de medicina.** Medicina, Ribeirão Preto, 29: 414-419, 1996.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DO DESPORTO UNIVERSITÁRIO – CBDU. **Quem Somos.** Disponível em: <www.cbdu.org.br/cbdu_2011/institucional>. Acesso em: 24 de maio de 2013 às 20h.

FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA GAÚCHA DE ESPORTES – FUGE. **Institucional.** Disponível em: <fuge.cbdu.org.br/fues/index/institucional>. Acesso em 24 de maio de 2013 às 23h.

INTERNATIONAL UNIVERSITY SPORTS FEDERATION – FISU. **História FISU**. Disponível em <www.fisu.net/en/FISU-history-3171.html>. Acesso em: 24 de maio de 2013 às 18h.

LEVENSON, H. **Research with the locus of control construct (vol. 1): Assessment Methods**. Differentiating among internality, powerful others, and chance. In H. Lefcourt (Ed.), *Research with the Locus of Control Construct (Vol. 1)*, New York: Academic Press, p. 15-63. 1981.

LEVY, M. M. **Bem-Estar e Locus de Controle no Esporte**. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte - v.2 - n.2 - p. 01-23, 2008.

MARQUEZAN, R.; DUARTE, M. **Atribuição de causalidade às dificuldades de aprendizagem**. Santa Maria: Revista Educação Especial, n. 16. 2000.

MENESES, P. P. M.; ABBAD, G. **Preditores individuais e situacionais de auto e heteroavaliação de impacto do treinamento no trabalho**. Curitiba: Revista de Administração Contemporânea. vol.7. 2003

OLANDOSKI, G. P. **Comportamento de Condução e Locus de Controle**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2012.

PASQUALI, L.; ALVES, A. R.; MELLO, M. A. P. **Escala de Locus de controle ELCO/TELEBRÁS**. Porto Alegre: Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 11, n. 2, 1998.

PINTO, E. M. C. P S. **Abordagem à aprendizagem e resultados escolares obtidos nos alunos dos cursos de terapia ocupacional e fisioterapia**. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Portugal, 2004.

REPPOLD, C. T.; HUTZ, C. S. **Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: características psicossociais das mães adotivas**. Porto Alegre: Estudos de Psicologia, p. 25-36. 2003.

RIBEIRO, C. **Em torno do conceito locus de controlo**. Máthesis - n.9 – p. 297-314, 2000.

RODRIGUES, D. M. **Os aspectos cognitivos da qualidade de vida: Um estudo entre as variáveis do locus de controle e as do bem-estar subjetivo**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Instituto de Psicologia, 2007.

SIMÕES, A. C.; CONCEIÇÃO, P. F. M.; CORTEZ J. A. A. **Psicossociologia do esporte: Um jogo paradoxal de forças inconscientes**. São Paulo: Boletim de Psicologia, vol. LIX, n. 130: 031-043, 2009.

STAREPRAVO, F. A.; REIS, L, J, A.; MEZZADRI, F, M.; MARCHI JÚNIOR, W. **Esporte universitário brasileiro: uma leitura a partir de suas relações com o estado**. Campinas: Rev. Bras. Cienc. Esporte, v. 31, n. 3, p. 131-148, 2010.

TAMAYO, N.; ABBAD, G. S. **Autoconceito Profissional e Suporte à Transferência e Impacto do Treinamento no Trabalho**. Curitiba: Revista de Administração Contemporânea, v. 10, n.3, (pp. 09-28). 2006.

XAVIER, V. M. C. **Locus de controle, comprometimento organizacional e satisfação no trabalho: um estudo correlacional**. Dissertação de Pós-graduação. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. 2005.

ANEXO A

Carta de Informação

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): *LOCUS DE CONTROLE EM ATLETAS UNIVERSITÁRIOS PRATICANTES DE ESPORTES COLETIVOS DE QUADRA*. Os objetivos do presente estudo são identificar qual dos *Locus* de Controle é dominante dentro do grupo da pesquisa e apontar os possíveis indícios para os resultados, o estudo também comparará se há diferença considerável entre os gêneros. Aplicaremos dois questionários, o primeiro composto por 17 questões, abertas e fechadas, e o segundo composto por 24 perguntas referentes à escala elaborada por Levenson e validada no Brasil por Dela Coleta em 1986. Antecedendo o questionário será aplicada aos mesmos uma carta de informação com a proposta da pesquisa e um termo de consentimento livre de esclarecimento para que assim o atleta, esteja isento de sua exposição física e moral. Em qualquer etapa do estudo, o participante terá acesso ao profissional responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é Vivian Poersch Telles Ferreira, que pode ser encontrada no número cel: (51) 82856366. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, através do telefone (51) 3308-3629.

O participante do estudo terá as seguintes garantias:

- Direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa.
- Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade do estudo.
- Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade de todas as informações.
- Não haverá risco de danos físicos e profissionais durante a realização deste estudo.
- Não haverá despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo.
- Não haverá compensação financeira relacionada à sua participação.
- A utilização de dados e do material coletado é de exclusividade para essa pesquisa.

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____,
estou ciente da participação na pesquisa intitulada *LOCUS DE CONTROLE EM ATLETAS UNIVERSITÁRIOS PRATICANTES DE ESPORTES COLETIVOS DE QUADRA* realizada pela acadêmica Vivian Poersch Telles Ferreira da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EsEF/UFRGS).

Estou ciente de que a referida pesquisa tem por objetivo identificar qual dos *Locus* de Controle é dominante dentro do grupo da pesquisa e apontar os possíveis indícios para os resultados, o estudo também comparará se há diferença considerável entre os gêneros. Autorizo a publicação dos resultados desta pesquisa e o meu nome e a minha identidade não serão revelados. Fui devidamente esclarecido que a acadêmica Vivian Poersch Telles Ferreira manterá a confidencialidade dos meus registros, sendo responsáveis pelo armazenamento dos dados. Fui informado de que não serei remunerado pela minha participação na pesquisa. Sei que, em qualquer momento, poderei solicitar novas informações e retirar meu consentimento, se assim eu o desejar, sem qualquer prejuízo. Para eventuais dúvidas ou esclarecimentos, o contato pode ser feito através dos telefones (51) 82856366, com a acadêmica ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, através do telefone (51) 3308-3629.

_____/_____/_____

Assinatura do/a Atleta Universitário/a

_____/_____/_____

Assinatura da Acadêmica

_____/_____/_____

Assinatura da Orientadora

ANEXO C

Questionário: Atleta Universitário

1. Nome (somente as iniciais):
2. Data de nascimento:
3. Sexo: Feminino Masculino
4. Qual o curso que você está matriculado pela Universidade do Rio Grande do Sul?
5. Há quantos anos, “aproximadamente”, é atleta universitário/a?
6. Você define suas atividades semanais na quadra como: Treino Aula
Lazer
7. Qual esporte você pratica representando a UFRGS?
8. Há quanto tempo você pratica este esporte?
9. Treina com orientação de: Técnico Professor Estagiário Sem orientação
10. Como se sente após os treinos? Disposto Indisposto Cansado Bem
11. Frequenta competições, quais? Municipal Copa Unisinos JUGs – Jogos Universitários Gaúchos JUBs – Jogos Universitários Brasileiros
12. Qual sua competição preferida, por quê?
13. Por que você compete? Gosto Pelas viagens Motivação Pela exigência da equipe ou do treinador Lazer Busca de resultados Outros:
14. Você tem bom relacionamento com seu treinador? Sim Não
15. Seu técnico lhe motiva a treinar? Sim Não
16. Qual seu objetivo com esta prática quanto a sua vida?
17. O que lhe motiva a permanecer treinando?

ANEXO D

Teste da Escala de *Locus de Controle*

Estão aqui descritas algumas questões relativas à maneira como você percebe, sente ou atua. Desejo obter a sua primeira impressão e não o resultado de um longo juízo sobre o assunto. Não existem respostas certas nem erradas. Por favor, responda às perguntas que se seguem colocando um (X) na alternativa que melhor corresponde à sua maneira de ser de acordo com a seguinte distribuição:

Discordo de maneira muito acentuada	Discordo de maneira acentuada	Discordo	Concordo	Concordo de maneira acentuada	Concordo de maneira muito acentuada
1	2	3	4	5	6

ITEM	Opinião sobre o item					
1. Se consigo ou não vir a ser um chefe depende principalmente das minhas aptidões.	1	2	3	4	5	6
2. Em grande parte, a minha vida é controlada por fatores acidentais.	1	2	3	4	5	6
3. Tenho a sensação de que o que acontece na minha vida é, em grande parte, determinado por outras pessoas poderosas.	1	2	3	4	5	6
4. Se tenho ou não um acidente de automóvel, depende, principalmente, de eu ser ou não um bom condutor.	1	2	3	4	5	6
5. Quando faço planos, tenho quase a certeza de conseguir pô-los em prática.	1	2	3	4	5	6
6. Muitas vezes não há a possibilidade de proteger o meu interesse pessoal de acontecimentos do acaso.	1	2	3	4	5	6

7. Quando consigo o que quero, habitualmente é porque tenho sorte.	1	2	3	4	5	6
8. Embora possa ter boas aptidões, não me será dada a chefia sem apelar para aqueles que estão em posição de poder.	1	2	3	4	5	6
9. A quantidade de amigos que tenho depende da forma como consigo ser simpático.	1	2	3	4	5	6
10. Tenho verificado com frequência que o que está para acontecer acontece na realidade.	1	2	3	4	5	6
11. A minha vida é controlada, principalmente, por outras pessoas poderosas.	1	2	3	4	5	6
12. Se tenho ou não um acidente de automóvel é fundamentalmente uma questão de sorte.	1	2	3	4	5	6
13. Gente como eu, tem poucas possibilidades de proteger os interesses pessoais quando entram em conflito com os de pessoas de grupos de pressão fortes.	1	2	3	4	5	6
14. Nem sempre é sensato eu fazer planos com demasiada antecedência porque muitas coisas acabam por ser uma questão de boa ou má sorte.	1	2	3	4	5	6
15. Para obter o que eu quero, é preciso agradar aos que estão acima de mim.	1	2	3	4	5	6
16. Se consigo ou não vir a ser um chefe, depende bastante da sorte de estar no lugar certo na hora certa.	1	2	3	4	5	6
17. Se pessoas importantes decidissem que não gostavam de mim, provavelmente eu não conseguiria arranjar muitos amigos.	1	2	3	4	5	6
18. Posso, perfeitamente, determinar o que acontecerá na minha vida.	1	2	3	4	5	6
19. Usualmente, sou capaz de proteger os meus interesses pessoais.	1	2	3	4	5	6

20. Se tenho ou não um acidente de automóvel depende, principalmente, do outro condutor.	1	2	3	4	5	6
21. Quando consigo o que quero, é porque, normalmente, trabalhei bastante para o obter.	1	2	3	4	5	6
22. Em ordem a levar meus planos por diante, asseguro-me de que estão de acordo com os desejos das pessoas que têm poder sobre mim.	1	2	3	4	5	6
23. A minha vida é determinada pelas minhas próprias opções.	1	2	3	4	5	6
24. É, principalmente, uma questão de sorte se eu tenho ou não poucos ou muitos amigos.	1	2	3	4	5	6